

FATOS E NOTAS

O ATHARVAVEDA.

JORGE BERTOLASO STELLA

A importância do Atharvaveda revela-se por dois aspectos especiais: pelo folclore, nos seus encantamentos e exorcismos, alguns dos quais remontam aos povos indo-europeus, muito afastados, que podem recuar à época da comunidade indo-européia; pela história do pensamento indiano, nos seus hinos “filosóficos”.

1. — As *Samhitâ*, “coleções”, que contém o *Mantra*, são quatro: *rc* ou hinos, *sâman* ou cantos, *Yajur* ou súplicas; *atharvan* ou certa classe de sacerdotes assim chamados e fórmulas mágicas utilizadas por eles. Diz-se, portanto, *Rig-Veda samhitâ* ou *Ri-Veda* e assim *Sâmaveda*, *Yajurveda* e *Átharvaveda*, entendendo-se por *veda* os *Vedas* por excelência, os *Samhitâ*.

2. — No princípio, porém, o corpo de doutrina ou livros canônicos propriamente falando eram o *Rig-Veda*, o *Sâmaveda* e o *Yajurveda* e formavam a “tríplice ciência”, chamada *trayî vidyâ* ou simplesmente *travî* e três são os sacerdotes indispensáveis para a prática do sacrifício: o *hatar* que recita o hino védico; o *udgâtar* que o canta e o *adhvaryu* que é o operador e o manipulador, acompanhando todo o seu ato com a recitação, a baixa voz, de sentenças consideradas mágicas.

O *Rig-Veda* e o *Sâmaveda* são escritos em versos; o *Yajurveda* especialmente em prosa.

Destes três *Vedas*, o mais venerado e o de maior autoridade é o *Rig-Veda*.

3. — Existem certas semelhanças e certas diferenças entre o *Rig-Veda* e o *Atharvaveda* que convem assinalar.

Há deuses benéficos que agem em favor dos mortais nos hinos do *Rig-Veda*; uma multidão de demônios; porem, feiticeiros e seres

malévolos de toda espécie aparecem no Athavaveda. Os cantos do Rig-Veda exultam as pessoas e a tarefa dos deuses em favor daqueles que oferecem sacrifícios; nos hinos do Athavaveda contemplam-se com terror as forças hostis e procura-se conserva-las afastadas. No Rig-Veda os deuses, livres, podem conceder aquilo que o fiel pede; o Atharvaveda concede as práticas pelas quais o homem pode conseguir o que deseja, bem para si, mal para os outros, independentemente das disposições de uma vontade pessoal superior à sua. No Rig-Veda encontra-se uma forma elevada de religião; no Atharvaveda, o seu fundamento é a superstição e a magia.

Não há propriamente uma divisão exata entre as duas esferas da religião e da magia nos dois Vedas. O Rig-Veda tem também a magia. Sem fazer referências a uma dúzia de hinos em relação às práticas de um ritual inferior que encontra no extrato rivédico antigo, francamente mágicos são os ritos do *açvamedha*, sacrifício do cavalo, ao qual se referem os hinos I-162, 163 e mágicas são as cerimônias do ritual doméstico *grhya* para as núpcias, hino X 85; e para a sepultura, hino X 14-10.

Foi tarefa difícil a inclusão do Atharvaveda no Cânon. Os brâhmanes, zelosos conservadores da tradição hierática, se opunham a que esse bárbaro veda ficasse na mesma classificação dos outros.

Dada a maneira como apresenta as idéias da época recuada, preñhe de magia, era considerada, numa frase feliz de Bloomfield, “a religião ao ar livre”.

4. — *Atharvaveda* significa “ciência dos atharvan”. Atharvan é um nome legendário do sacerdote do fogo, o primeiro que produziu o fogo por meio da fricção, como em alguns passos (VI, 15, 17; VI, 16, 13; X, 21, 5) canta o Rig-Veda que

“foi o primeiro a abrir os caminhos mediante os sacrifícios”
(Rig-Veda, I. 83. 5).

No plural, o nome designa uma classe ou família sacerdotal; o termo remonta ao período indo-irânico, conforme o demonstra o *âtharvan* do Avesta.

O nome mais antigo do quarto Veda é *atharvângirâsah*, um compacto formado dos nomes *âtharvan* e *angiras*. Como os *âtharvan*, os *angiras* constituem uma família de sacerdotes do passado semi-mítico. Os dois nomes de sacerdotes serviram também para as práticas e as fórmulas por eles usadas e, no correr dos tempos, houve uma dieren-

ça significativa assim: *âtharvan* tornou-se sinônimo de prática propícia e pia, e *angiras* de prática hostil e ímpia.

O nome *atharvângirâh* indica, por extenso, o duplo sentido deste Veda. O nome atharvaveda é, pois, uma abreviatura. Na literatura atharvédica ocorrem outros dois nomes de atharvaveda: um é *bhrgavangirasah*, isto é, “os bhrgu e os angira”. Os Bhrgu — outra família de sacerdotes do fogo e o outro é Brahmaveda.

5. — A tradição enumera nove escolas atharvédicas. Porem, recentemente se reconhecem duas: Çaunakîya (da escola de Çaunaka) e Paippalâda (patronímico de Pippalâde) que são as mais importantes. A recensão da primeira escola é a melhor conservada. Publicada na Europa em 1856, serviu de texto para as traduções e os estudos sobre o atharvaveda e é chamada a *Vulgata*.

A recensão Paippalâda é conhecida por um único manuscrito, em caracteres *çârada*, de cerca de 300 folhas de casca de bétula, proveniente de Kaçmir. Essas duas recensões são divididas em 20 livros e a matéria é disposta de maneira diferente. Além disso, a Paippalâda é mais rica, contendo cerca de 6.500 versos contra cerca de 6.000 da Çaunakîya, compreendendo os livros XIX e XX.

6. — A Vulgata é dividida em *Kanda* “livros”, *anuvâka* “lições e *sukta*, “hinos”. Os livros são 20. Os hinos somados são 731, de comprimento variado, de 1 a 89 versos e formam um total de 6.000 versos.

Não se pode falar que todo o Atharvaveda seja propriamente em versos: os hinos do inteiro livro XV; os hinos do quase todo XVI e outros hinos espalhados em outros livros são em prosa, em prosa semelhante pela língua e pelo estilo à dos Brahmana, enquanto que os outros são em versos. Dos 6.000 versos, 1.200 são tirados do Rig-Veda (especialmente dos livros X, I, VIII); os hinos do livro XX, exceto os 10 hinos chamados *Kuntâpa* 127-126 e, em parte, os hinos 2, 48, 49, são tirados todos do texto já constituído do Rig-Veda sem modificação. Se extraírem os versos tirados diretamente, sem variante, o Atharvaveda tem 5.038 versos, mais ou menos a metade do Rig-Veda.

A coleção antiga dos livros I-XVIII consta de três divisões principais: livro I-VII (hinos breves de assunto variado); VIII-XII (hinos longos de assunto variado) e XIII-XVIII (hinos com unidade de assunto).

7. — A língua do atharvaveda, comparada com a do Rig-Veda, menos arcaica (e menos hierática), isto não só sob o aspecto fonético,

mas, também, quanto ao gramatical, especialmente no léxico que mostra uma certa evolução.

8. — O atharvaveda é posterior ao Rig-Veda no que se refere à sua redação; é anterior ao século VIII a. C. Os hinos do atharvaveda são recolhidos num só bloco após os do Rig-Veda. Língua, metro, crenças, dados geográficos, zoológicos e sociais ocorrem todos para demonstrar que o atharvaveda é muito mais recente. Neles se mencionam os rios Yamunã e Varanâvâti e os países dos anga e dos magadha. O Tigre, desconhecido no Rig-Veda, é lembrado no atharvaveda. A distinção entre os brâhmanes, guerreiros, clã agrícola e mercantil e servos, da qual só fala o tardivo *purushasûkta*, não é mais uma novidade para os vates atharvédicos.

Mas no que tange à matéria contida no atharvaveda como exorcismo, magia, é de época antiquíssima, porque quanto mais recuamos na história, mais encontramos dados que mostram que o padre se confundia com o mago.

Não há doença que o atharvaveda ignore ou que não seja capaz de curar com o exorcismo.

9. — Os hinos mágicos, os quais devem-se colocar próximos aos hinos do ritual doméstico — as núpcias do livro XIV e os funerários do livro XVIII — pertencem todos às relações da vida do indivíduo. A começar com a concepção e nascimento: há hinos para assegurar de preferência a concepção de um filho ao invés de uma filha; para impedir o aborto; outros para proteção de crianças dos perigos do clima malévolos; há hinos que acompanham os ritos quando do aparecimento do primeiro par de dentes, e há hinos para investiduras do cordão sagrado.

Numerosos hinos são utilizados em favor de uma longa vida e saúde; há encantamentos para todas as moléstias: a febre, a itericia, a hidropisia, a tosse, a escrófula, a lepra etc.; contra os vermes; para sarar feridas e fraturas; para estancar hemorragias, tornar inócuos os venenos; fazer crescer os cabelos, restaurar a virilidade; para livrar da possessão dos demônios. Outros hinos têm como alvo o amor: valem para conquistar o homem ou a mulher amada; procurar um marido para um mulher; outros, ainda, são dirigidos contra rivais; acompanham a escolha da esposa, a procissão nupcial, a entrada da esposa na nova casa etc. Há hinos para construção de uma casa, para garanti-la contra incêndio, para livra-la das serpentes.

Outros vêm em auxílio ao agricultor: para a aradura do seu campo; para abençoar as sementes a fim de que a colheita seja abundan-

te; para exorcismar os vermes que infestam o grão; para fazer chover; para impedir que o fogo destrua a colheita; para que o indivíduo seja ileso; prosperidade e fecundidade dos animais; para conduzir a água em novos canais. Ao comerciante, oportunidade para progredir no comércio; outros, para aquele que inicia uma viagem e bom regresso.

Há fórmulas que asseguram boa harmonia na vida da família e também na vida da comunidade ou então para vencer nas contendas e ter preponderância na vida bem como sorte no jogo. Sendo o homem propenso a pecar e a errar, existem hinos para a sua expiação; é preso por demônios, atacado por hostis feiticeiros, encantos contra eles. Com os versos funerários facilita-se ao morto o caminho para o além. E muitos outros hinos há mais ou menos nessa direção.

Maurício Bloomfield, citado por Papesso, distinguiu todos os hinos do atharvaveda nas seguintes 14 classes: 1). — Encantamentos para curar enfermidades e possessões da parte dos demônios; 2). — Orações para longa vida e saúde; 3). — Imprecações contra demônios, feiticeiros e inimigos; 4). — Encantamentos com relação às mulheres; 5). — Encantamentos para assegurar harmonia e influência na assembléia; 6). — Encantamentos concernentes à realidade; 7). — Súplicas e imprecações no interesse dos brâhmanes; 8). — Encantamentos para assegurar prosperidade e liberdade de perigos; 9). — Encantamentos na expiação de culpa e contaminação; 10). — Hinos cosmogônicos e teosóficos; 11). — Hinos ritualistas e gerais; 12). — Os livros que tratam de assuntos especiais (XIII-XVIII); 13). — O livro XX; e 14). Os hinos *Kantâpa*.

10). — Os demônios agem à noite, especialmente na lua nova; reúnem-se nas proximidades das habitações humanas, fazem ruído e riem. Na terra, na água, no ar, há espíritos malignos. Os demônios chupam o sangue e procuram entrar nos homens e nos animais pela boca com o alimento e bebida; quando estão dentro, comem as carnes, chupam a medula, bebem o sangue e produzem moléstias de toda espécie.

Os demônios são particularmente perigosos no momento mais importante da vida: nascimentos, núpcias, funerais e geralmente nos sacrifícios, que procuram perturbar com a sua hostil intervenção e é por isso justamente que os ritos sacrificiais são de contínuo acompanhados com fórmulas e atos para afastar os demônios. Os demônios são os autores das moléstias. No atharvaveda a enfermidade aparece como uma força sobre-humana, de uma substância ou fluido maligno ou ainda por um demônio.

11). — A substância médica é lembrada frequentemente nos livros e é exaltada como um ser sobrenatural.

As águas que purificam e refrescam são um remédio salutar; “as águas são medicinais para tudo”, III, 7.4. As águas — estes exceis médicos entre os médicos, VI, 24, 26.

As plantas, imaginadas como progênie das águas, ornam a maior parte dos remédios. Todos os medicamentos, para que possam fazer efeito, devem ser preparados e consagrados segundo as prescrições rituais. Em muitos casos os remédios são aplicados segundo o princípio de alopatia ou de homeopatia: a lepra branca (1.23) é curada com uma planta escura; a febre que queima tem de receber sobre ela a rã que é fresca (VII, 116); a cor amarelada iterícia (I, 22) é transferida sobre pássaros naturalmente amarelos e sobre o paciente é transferida a cor vermelha do boi vermelho.

No abundante material da superstição popular do atharvaveda, encontram-se composições literárias de profundo sentimento moral e especulação filosófica de alto tipo.

O hino à Terra (XII), pela matéria de que trata, é um dos mais atraentes do atharvaveda, na opinião de Bloomfield.

Um hino a assinalar de um modo especial, é dirigido ao deus Varuna (IV, 16), que trata da onisciência divina com expressões sublimes de sentimento religioso e moral, que foi comparado a vários passos bíblicos. Damos algumas passagens, segundo a tradução de Papeo (1):

1. — “O Imenso Guardador destes seres, os vê como próximo. Quem pensa de agir em oculto, tudo isto sabem os deuses”.

Formichi vai acrescentando a estes versículos as passagens bíblicas correspondentes. Kaegi cita oportunamente passagens bíblicas correspondentes a este admirável hino atharvavédico. Assim, a esta estrofe 1.a ele cita Jeremias: XXIII, 23-24:

“Sou eu apenas Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? Esconder-se-á alguém em esconderijos, de modo que eu não veja? diz o Senhor”.

2. — “Quem está ou vai e quem vai tortuosamente; quem se esconde; quem sai; aquilo que dois juntos deliberam, isto sabe, como terceiro, o rei Varuna”.

O Salmo CXXXIX, 2-3, traz estas palavras:

“Tu conheces o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento. Cercas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos”.

Mateus, XVIII: 20 —

“Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”.

Frei R. Pettazzoni, em *Studi e Materiali di Storia delle Religioni*, I. 1925.

3. — “Esta terra é do rei Varuna e também este vasto céu de distantes limites, e os dois acenos são os dois ventres de Varuna, mas ele contudo está oculto nesta pouca água”.

Deuteronômio, X, 14:

“Eis que os céus e os céus dos céus são do Senhor teu Deus, a terra e tudo o que nela há”.

Os dois oceanos são o oriental e o ocidental, segundo Ludwig; o oceano atmosférico e o terrestre, na opinião de Kaegi, o qual pensa no texto bíblico de Gênesis I, 7:

“E Deus fez a expansão e fez a separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão”.

4. — “E quem também conseguisse fugir além dos limites do céu, não se ocultaria por certo de Varuna, o Senhor: partindo do céu os seus espias percorrem este mundo, e com mil olhos perscrutam a terra”.

Salmo CXXXIX, 6-8:

“Tal ciência é para mim maravilhosíssima; tão alta que não a posso atingir. Para onde me irei do teu Espírito ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também”.

5. — “Tudo o rei Varuna discerne, aquilo que está entre o céu e a terra e aquilo que está além. Contado por ele é o bater dos olhos dos mortais; ele conta, como um jogador, os dados destas causas”. Amós, IX, 2 — “Ainda que eu cave até o inferno, a minha mão a tirará dali e se subir ao céu, dali os farei descer”.

Mateus, X — 30: “Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados”.

Im portantes são os hinos sobre a estrutura do corpo humano, (X. 2; XI, 8), que mostram ser o homem o maior milagre da natureza. O vate, nas estrofes 9-17, considera com admiração os processos fisiológicos e psíquicos e aponta o milagre da circulação do sangue e dos humores, e se refere, 139, à respiração, às sensações do prazer e da dor, ao mistério do sono e da morte e também ao impressionante fato da reprodução do pensamento e da palavra.

O vate tem, outrossim (X. 2), grande admiração pela estrutura do corpo humano: o corpo humano é sede da admirável essência da alma. Milagre dos milagres, que é a expressão de Deus. Este hino, X.2, com o seu maravilhoso crescendo pela admiração pelo homem, começa pela estrutura do pé até o coração, sede da alma imortal. O universo é a síntese concentrada no homem. Brahma está no corpo humano. O homem tornou-se deus. O corpo humano é a cidade de Deus.

Além de uma centena de hinos ou parte de hinos do atharvaveda, tem como finalidade a cura das enfermidades; esses, com outros que são mencionados na Coleção e descritos no Kançika-Sûtra, não só mostram o mais antigo sistema de medicina hindu, mas, também, a melhor representação da medicina primitiva que apareceu na literatura. O atharvaveda é, pois, o documento mais precioso da medicina primitiva.

* * *

BIBLIOGRAFIA.

- Oscar Botto, *Letterature Antiche dell'India*, Editrice Francesco Vallardi, 1969.
Vittore Pisani, *Storia delle Letterature Antiche dell'India*, Nuova Academia Editrice, Milano, 1954.
Carlo Formichi, *Il Pensiero Religioso nell'India Prima del Buddha*, Bologna, Zanichelli Editore, 1925.
Valentino Papesso, *Inni dell'Atharvaveda*, Bologna, Zanichelli Editore, 1933.
V. Henry, *La Magie dans l'Inde*, Paris, 1903.
A. Ballini e M. Vallauri, *Lineamenti d'una Storia delle Lingue e delle Letterature Antiche e Medievale dell'India*, Roma, 1943.
V. Henry, *Les Littératures de l'Inde*, Paris, 1904.
De Gubernatis A., *Letteratura Indiana*, Milano, 1883.
J. Canedo, *Resumen de Literatura Sânskrita*, Madrid, 1942.
Jorge Bertolaso Stella, *Rig-Veda*, São Paulo, 1958.